

Queerbaiting em Supernatural: a negligência dos afetos dissidentes na série como política de extinção da ternura¹

Miguel TROMBINI²

Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Por meio da Teoria Queer, da ternura segundo Restrepo (1998), do conceito de espaços vazios de Iser (1999) e da noção de enunciado em Bakhtin (2019), o presente trabalho se debruça sobre o fenômeno do *queerbaiting* na série *Supernatural*. Essa prática consiste na inserção de elementos e insinuações LGBTQIAPN+ em filmes e séries, sem de fato legitimá-los ao longo da narrativa. A fim de esmiuçar como a marginalização de afetos dissidentes em séries endossa violências heteronormativas, o trabalho debate uma cena do episódio 18 da temporada 15, na qual o personagem Castiel faz um monólogo que evidencia a natureza dúbia dos sentimentos entre ele e Dean Winchester.

PALAVRAS-CHAVE: *queerbaiting*; séries; *Supernatural*; afetos dissidentes.

INTRODUÇÃO

O *queerbaiting* é um fenômeno que pode ser observado principalmente em filmes e séries. A palavra *queer*, no português, significa “estranho”, “peculiar” ou “incomum”, entre outras variações. Esse termo foi e continua sendo utilizado principalmente nos Estados Unidos e em países falantes da língua inglesa para referir-se a pessoas LGBTQIAPN+ de maneira pejorativa. Com o tempo, a própria comunidade apropriou-se dele e o incorporou no movimento de modo a ressignificar o insulto e transformá-lo em uma arma política dentro e fora dos muros acadêmicos. Já *bait* vem do inglês *to bait*, que significa “isca”. Sendo assim, a tradução de *queerbaiting* seria “isca LGBT”.

Pode-se considerar esse fenômeno como uma tática da indústria audiovisual em geral que insere elementos e insinuações LGBTQIAPN+ sem de fato legitimá-las ao longo da obra. Isso resulta, entre outras coisas, na marginalização de possíveis vivências dissidentes, uma vez que os elementos *queer* ali apresentados ocupam um espaço

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e mestrando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), e-mail: miguel.trombini21@gmail.com.

nebuloso e ambíguo que não confirma explicitamente a possível não-heterossexualidade de determinados personagens.

Entre alguns casos populares de *queerbaiting* está a série norte-americana *Supernatural* (Warner Bros), que desenvolve a relação entre um dos protagonistas, Dean Winchester, e o anjo Castiel de maneira ambígua. A fim de compreender como o *queerbaiting* opera na obra, partindo da perspectiva da marginalização de afetos dissidentes, o presente trabalho debate uma cena do episódio 18 da temporada 15, na qual Castiel faz um monólogo antes de morrer que demonstra a natureza dúbia dos sentimentos dele por Dean. Os respaldos teóricos que sustentam a discussão incluem, principalmente, a Teoria Queer, os debates de Restrepo (1998) acerca dos afetos, o conceito de espaços vazios, de Wolfgang Iser (1999) e o enunciado segundo Bakhtin (2016).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Brennan (2019) esclarece que o *queerbaiting* se comunica com espectadores que podem apreciar ou demandar a presença de narrativas LGBT sem que o texto deixe isso totalmente às claras. Tinoco (2022, p. 505) pontua, inclusive, que “a intencionalidade é, portanto, o aspecto mais central”³ dessa prática. A ambiguidade, bastante característica do fenômeno, aparece em Hollywood desde a sua origem e atinge contornos interessantes quando se trata da representação LGBTQIAPN+ e especialmente do relacionamento entre pessoas do mesmo gênero.

Segundo Elsaesser (2011), abordagens ambíguas estão presentes nos fundamentos hollywoodianos e o seu poder até os dias atuais como a maior indústria cinematográfica do mundo se sustenta justamente na administração e manutenção da pluralidade de significados. A inserção implícita de elementos *queer* em personagens e temas de filmes consiste no que Benshoff e Griffin (2005) chamam de “*connotative homosexuality*”, ou “homossexualidade conotativa”, em tradução livre.

Dessa forma, podemos considerar que a presença de sexualidades e identidades não-heterossexuais e não-cisgênero no cinema e, posteriormente, em séries e demais produtos audiovisuais já preenchia um espaço de sombreamento e invisibilização, uma

³ No original: “intentionality is, therefore, the most central aspect [of *queerbaiting*]”.

vez que não eram experiências colocadas sob holofotes dignos, e sim restringidas a um espaço dúbio.

Exibir a atração por alguém do mesmo gênero se enquadrava na regra do MPPC (*Motion Picture Production Code*), ou “Código de Produção Cinematográfica”, em vigor de 1930 a 1968, contra “perversão sexual”, o que impossibilitou por muito tempo que essas representações fossem livremente trabalhadas. Devido a isso, Tinoco (2022, p. 506) sublinha que os cineastas que desejavam contar histórias LGBT apresentavam os personagens “de maneiras que resultariam neles sendo lidos como *queer* pelo público, sem precisar declarar ou mostrar [essa característica] explicitamente”⁴.

Ainda que exista atualmente um catálogo de produções voltadas para o desenvolvimento de personagens LGBTQIAPN+, não se pode negar a herança histórica de marginalização que essa comunidade carrega na indústria cinematográfica e audiovisual como um todo, bem como foi exposto acima. Com base nisso, pode-se pensar no *queerbaiting* como um mecanismo por meio do qual a cultura – e nesse caso especificamente os filmes e as séries – mantém as narrativas LGBTQIAPN+ encobertas e restritas a um campo de incertezas e ambiguidades. Esse fenômeno trabalha a favor de uma dinâmica política que gera lucro e reduz as representações de afetos dissidentes a uma abordagem rasa.

Quando Restrepo (1998, p. 9) escreve que é “contrário à vivência da ternura colocá-la no campo do normativo”, ele localiza os afetos e a vivência afetiva individual como parte de um sistema de controle ao invés de mera instância pessoal que não pode – ou não deve – ser politizada. O autor destaca que os momentos dedicados à ternura são silenciosos, ou seja, não estão presentes nos debates públicos ou nas discussões sociais, o que resulta por sua vez em uma violência sem sangue, que não fere o corpo, mas que ainda assim causa morte e sofrimento. Desse modo, Restrepo nos convida a pensar a cultura e a política a partir da intimidade e das relações afetivas, pois estes são âmbitos da vida humana tão penetrados pelos regimes de controle quanto quaisquer outros.

Com isso posto, pode-se considerar o *queerbaiting* como uma entre várias formas de mitigar os afetos e, conseqüentemente, as vivências – tanto emocionais

⁴ No original: “[...] in ways that would result in them being read as queer by audiences, without having to show it”.

quanto corpóreas – de pessoas LGBTQIAPN+ por meio de representações dúbias. Estas, por sua vez, alimentam os mecanismos heteronormativos que colocam as relações dissidentes à margem de quaisquer interações sócio-culturais.

ANÁLISE

Supernatural é uma série de televisão norte-americana de fantasia sombria, criada por Eric Kripke e produzida pela Warner Bros. Composta por 15 temporadas, cada uma com 23 episódios em média, a série estreou em 2005 e foi finalizada em novembro de 2020. Ao longo destes 15 anos, os fãs acompanharam a jornada dos irmãos Dean e Sam Winchester – Jensen Ackles e Jared Padalecki, respectivamente –, caçadores de monstros e seres sobrenaturais.

Além dos protagonistas, um dos personagens de destaque é o anjo Castiel (Misha Collins), que foi inserido na trama no começo da quarta temporada. Desde então, ele se tornou próximo dos irmãos Winchester, especialmente Dean, o qual resgatou do inferno. A relação dos dois rapidamente se tornou alvo de especulação por uma parcela dos fãs, trazendo para debate tanto a sexualidade dos personagens quanto o desenvolvimento da intimidade entre eles.

Antes da última morte de Castiel⁵, que ocorre no episódio 18 da 15ª temporada, o anjo faz um monólogo que poderia ser considerado uma declaração de amor dele para Dean. Para salvar o personagem Jack (Alexander Calvert), Castiel fez um acordo com o Vazio: assim que ele se sentisse genuinamente feliz, morreria. Esse momento acontece quando ele está com Dean, podendo dar a entender logo de antemão que ele é a sua verdadeira felicidade, e o momento apresenta bifurcações e ambiguidades que levantam questionamentos sobre os sentimentos de Castiel por Dean e vice versa.

Na cena, o anjo explica o acordo que fez e diz que desde aquele momento se perguntava sobre o que significa a verdadeira felicidade, mas não achou uma resposta pois a única coisa que ele quer é algo que ele sabe que não pode ter. A partir do conceito de enunciado de Bakhtin (2016, p. 24), observa-se que os componentes das atividades humanas são conectados pela linguagem, então o ouvinte, ao compreender o significado do discurso, “ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para

⁵ Ao todo, o personagem morre seis vezes ao longo da série.

usá-lo”. Dessa maneira, o fato do personagem não ter deixado claro o que ele quer e não pode ter abre espaço para especular que, talvez, essa ânsia não saciada tenha a ver com o afeto dele por Dean, que se equilibra na linha tênue entre platônico e romântico.

Castiel continua, dizendo que descobriu naquele momento que ser feliz não é sobre “ter”, e sim sobre “ser”. Levando em conta que “ser” é um processo contínuo, e que a existência tem relação direta com quais locais as pessoas ocupam social e culturalmente, abre-se um paralelo para as reivindicações da comunidade LGBTQIAPN+ no sentido de “estar” no mundo, do direito de existir ainda que a heteronormatividade tente minar essas vidas.

Chorando, Castiel declara que Dean o fez mudar. O humano pergunta por que tudo isso parece um adeus, e o anjo diz que parece porque de fato o é. A câmera foca em Dean, e ele acena negativamente com a cabeça de forma breve, antes de Castiel dizer: “eu amo você”. Assim como o verbo “ser”, “amar” também é, por si só, ambíguo. Existem vários tipos de amor, e quando se analisa a cena partindo de um olhar dissidente sobre os afetos e levando em consideração os limites tênues da intimidade introduzidos na obra, o amor pode ultrapassar o sentido platônico. Se quem está assistindo consegue enxergar para além da heteronormatividade predominante nas narrativas televisivas e audiovisuais em geral, é possível abrir o leque de possibilidades de sentido fornecido pelas falas, que já são irresolutas.

Conforme explica Iser (1999), os espaços vazios consistem em lacunas presentes no texto, as quais o leitor preenche com base, entre outras coisas, na bagagem simbólicas que ele carrega. Isso significa que a perspectiva de quem assiste contribui para diferentes entendimentos da obra, logo, uma visão dissidente é possível, partindo do ponto que a própria obra abre espaços para tal. Ademais, o próprio *queerbaiting* acentua essas lacunas e as deixa mais evidentes.

Dean pede que Castiel não se sacrifique, mas uma espécie de portal se abre atrás dele. O anjo coloca uma das mãos no ombro esquerdo de Dean e lhe dá adeus antes de empurrá-lo para fora do caminho. É quando, sorrindo, ele permite que o Vazio o envolva, e logo após desaparece. Vale ressaltar que Dean nunca respondeu ao “eu amo você” dito por Castiel, ou seja, novamente não há uma conclusão bem definida sobre os sentimentos compartilhados por eles – nesse caso, se há ou não reciprocidade.

CONCLUSÃO

É importante compreender que a indústria televisiva e audiovisual opera com base nas normas hegemônicas que são, entre outras coisas, heterossexuais. A separação entre obras explicitamente LGBTQIAPN+ e não-LGBTQIAPN+ é importante do ponto de vista mercadológico, por exemplo – vender para um público específico –, mas ainda que determinada produção não insira enredos *queer* abertamente, não quer dizer que essas leituras não possam ser feitas. Partir de óticas dissidentes não é apenas uma forma de ativismo ou militância, mas também um instrumento que nos ajuda, entre outras coisas, a compreender como a sexualidade humana é complexa, ampla e intrínseca, ao contrário do que a heteronormatividade prega.

Pender para este ou aquele lado não é necessariamente a questão mais importante, e sim de que maneira as próprias produções alimentam possíveis ambiguidades e contribuem para colocar afetos LGBTQIAPN+ sempre como plano de fundo, como se sequer fossem dignos de serem abordados. O reconhecimento dos afetos como agentes políticos, portanto, nos permite enxergar que mesmo nos detalhes que em geral podem passar despercebidos, a violência heteronormativa atua, reprime e naturaliza que determinadas relações permaneçam restringidas a um eterno “talvez”.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikahil. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BENSHOFF, Harry; GRIFFIN, Sean. **Queer images: A History of Gay and Lesbian Film in America**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2005.
- BRENNAN, Joseph (Ed.). **Queerbaiting and Fandom: Teasing Fans through Homoerotic Possibilities**. Iowa: University Of Iowa Press, 1ª ed., 2019.
- ELSAESSER, Thomas. James Camron’s Avatar: access for all. **New Review of Film and Television Studies**, Inglaterra, 9 (3), p. 247-264, 2011.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético (Vol. 2)**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TINOCO, Francisca. A Very Queer Riddle: Breaking Down Hollywood’s Queerbaiting Problem. **Avanca Cinema Journal**, Reino Unido, p. 505-515, 2022.